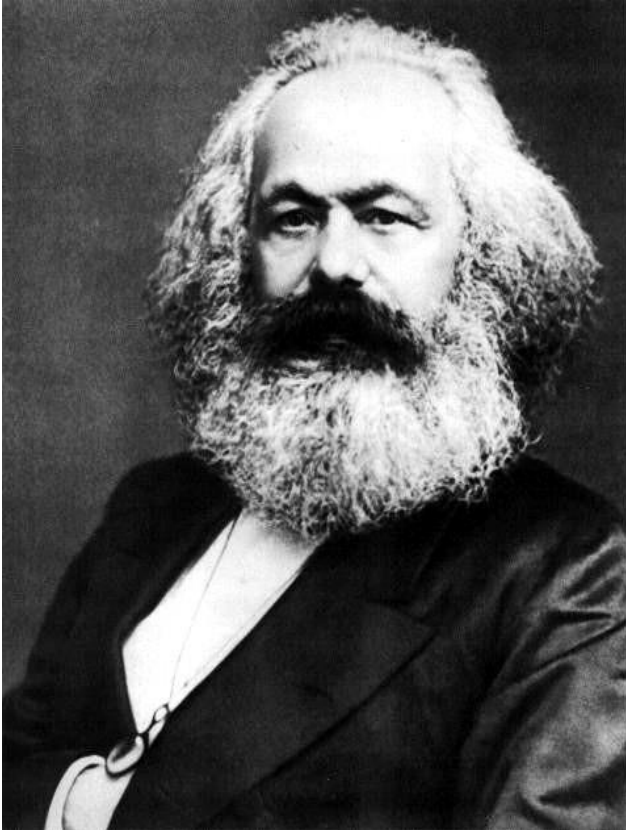


Marx, Eisenstein: O Capital.



Claudio Donato

CRÉDITOS

Claudio Donato:

Graduação em Filosofia (Bacharelado) pela UFSC. Mestrado em Filosofia (UFSC) na grande área de Filosofia Pura: Ontologia (Hermenêutica, Fenomenologia, Metafísica). "A filosofia pura não conhece nenhum outro fim a não ser a verdade; donde se poderia concluir que qualquer outro fim visado por seu intermédio é pernicioso para ela. Sua meta superior é a satisfação daquela nobre carência, por

mim chamada de carência metafísica".
(Arthur Schopenhauer). Claudio Donato
também é editor. Lança e publica
gratuitamente novos autores no Brasil e no
mundo através de sua "Editora Claudio
Donato", sob o CNPJ: 22.258.290/0001-00.
Claudio Donato foi aluno de Luiz Hebeche,
que foi aluno de Ernildo Stein, que foi
aluno de Martin Heidegger.

Marx, Eisenstein: O Capital.

***Sergej Eisenstein cinematografa
Marx.***

***Uma obra-prima realizável
somente pelo gênio Eisenstein.***

***Vorstellung e Darstellung
apresentados e representados
artisticamente: o sujeito subjetivo e o
sujeito objetivo, agentes e coagentes
(senão reagentes) da produção em geral,
da produção e reprodução, inclusive, de si
mesmos.***

***Em grego, tal produzir se diz
poiesis: uma poesia tipicamente humana.
Tais poiética e poética são, ambas, um
criar, um germinar, um florescer.***

Hegel, Eurípedes (Medea) e outras figuras legendárias são não somente mencionadas, mas também interpretadas à luz do pensamento, do cinema e da arte.

O manifesto comunista, reflexo do jovem e impetuoso Marx, trava luta e também antítese com o velho Marx, refletido no Capital.

A dialética marxista, um movimento concreto e histórico, portanto, dá lugar ao jovem e ao velho Marx: estandarte do pensamento, sob o ponto de vista da justiça e realização dos sujeitos (subjetivos e objetivos), ela mesma, esta dialética, leva em conta e dá conta das relações entre esses sujeitos históricos e fazedores de história que nós mesmos somos.

Ora, e não é a fome a esposa e amante do alimento?

Sim, e é exatamente por esse antagonismo (luta) entre o universal e o particular (temas, por excelência, de toda a filosofia), – neste caso particular, uma dança entre o eu subjetivo e o eu objetivo – que Medea, figura que quer permanecer na história, ousa e se atreve a realizar feitos inimagináveis aos simples mortais. Para se eternizar enquanto universal, Medea, a terrível de Eurípedes, se converte em assassina, mas, antes, ela já era estruturada (seu eu) como mãe e feiticeira.

Toda a luta de Medea, além e aquém dos sentimentos e terrores do eu particular, se estende e permanece até nossos dias em nossa memória. Tal estendimento e extensão da tragédia Medea visa um permanecer histórico:

reflete a luta de um indivíduo, notadamente uma mulher, para se tornar um eu universal, e não particular. Medea, portanto, não quer ser reconhecida como esposa, mãe nem, tampouco, mulher: ela quer ser humana. E não é a humanidade uma característica universal?

Eisenstein, o gênio desta obra, igualmente (e nunca coincidentemente), estabelece uma interpretação e, mais do que isso, estabelece uma visão de O Capital, de Karl Marx, sob o ponto de vista das ambiguidades e contradições históricas.

A arte e a história pretendem e querem e, se têm sucesso, edificam o edifício da história: uma luta (pólemos), uma polêmica (uma guerra) entre o que é e o que pode ser (ou que se quer ser ou fazer). E o que Eisenstein quer fazer e o

faz? Ele, em sua fúria, apresenta e representa (Darstellung e Vorstellung) a história viva através de uma obra de arte: e fazer arte ou usar uma linguagem artística sobre um tema tão amplo e abrangente como O Capital, de Marx, é tarefa de Hércules. Tal tarefa é cumprida de modo exemplar por Eisenstein. E como o gênio realiza tal e hercúlea tarefa? Bom, ele a realiza, e isso é tudo. Quero dizer, fazer arte sobre uma parte do movimento histórico – neste caso, o capitalismo –, que se materializa não como movimento dialético, seja tese-antítese, seja Aufhebund, requer uma abertura existencial para este estado de espírito ao qual aqui denomino por: genialidade.

E Eisenstein assim o faz. Repito: ele a realiza, e isso é tudo.

O que isso significa? Isso significa que Eisenstein reflete em sua obra sobre Marx, a própria obra de Marx, usando como método a cinematografia. Como ele o faz? Isso permanece e permanecerá, para sempre, um mistério. Revelar algo artístico acerca de algo tão árido e concreto (causa e efeito) como o capitalismo e seu reverso (o espírito socialista) é tarefa inédita na história da arte.

Podemos fazer uma tentativa de explicação de tal e tão inédito e inaudito fenômeno histórico: a cinematografia de O Capital, de Karl Marx.

Uma explicação, e esta é bem pessoal e bem minha, seria pensar a lógica, a configuração e a arquitetônica do capitalismo e, conseqüentemente, de O Capital. Ora, pensemos juntos: o

capitalismo, em sua estrutura mais dura e vigente, exige e prescinde da alienação e do acúmulo de capital em seu alicerce histórico.

A alienação exclui e marginaliza (joga para fora do centro de comando, de controle e de poder) aqueles que fazem girar a máquina da produção: Der Arbeiter (os trabalhadores). Somos esses trabalhadores, nós mesmos, que movimentamos a máquina desumana do capital: cujo resultado de tal maquinaria e mecânica é o acúmulo do capital em bolhas protegidas pelos próprios trabalhadores: a bolha do acúmulo de capital.

Poderíamos, então, imaginar uma apresentação ou uma representação do capitalismo, e de O Capital, a partir dos resultados ou efeitos de tais mecanismos: